

TATUAGENS

POR

TUDE M. DE SOUSA

Director da Colonia Penal Agricola

DE

ANTONIO MACIEIRA



==== LISBOA ====
TIP. DA CADEIA NACIONAL
==== 1928 ====

Av do seu Prayddomto la
em os seus campos.
meus, f. o Autor.

TATUAGENS

POR

TUDE M. DE SOUSA

Director da Colonia Penal Agricola

DE

ANTONIO MACIEIRA



==== LISBOA ====

TIP. DA CADEIA NACIONAL

==== 1928 ====

SC
18167

COMPRA

R. 185817

TATUAGENS

Prime M. de Sousa

Director da Colonia Penal Agricola

Antonio Machado



LIBROA
TIP. DA GAZETA NACIONAL
1928

Tatuagens

POR

TUDE M. DE SOUSA

Director da Colonia Penal Agricola de «Antonio Macieira»

Feita, como é, a população da Colonia Penal de profissionais da vadiagem e de reincidentes de varias ordens, não falla tambem a esta gente a estigmatização, já tão verificada, que as tatuagens assinalam.

Efectivamente, são numerosos os reclusos que por aqui teem passado, portadores deste *sintoma* da criminologia, proporcionando assim a observação de um elevado numero de exemplares das mais variadas significações e feitios, que uma ou outra vez me teem prendido as atenções.

Claro que, ao tomar este assunto, não pretendo vir espraíar-me na genése, na historia e na etiologia das tatuagens, nas suas origens e fins, já sobejamente versados por competências que eu não possuo, nacionais e estrangeiras, sendo minha intenção unica tentar fixar, se não a sua primeira introdução, pelo menos a sua maior expansão em Portugal.

Que seja a imitação, que seja a ociosidade, que sejam a vaidade ou o snobismo, certo é que desde a mais remota antiguidade as tatuagens e antes delas as variadas pinturas superficiaes do corpo, apparecem em condições que, ora se poderão attribuir a esta ou áquella causa, ora se poderão, porventura, filiar em todas elas, vindo de seculo a seculo a evolucionar até aos nossos dias. De costume entre os selvagens



das velhas idades, elas chegaram até á epiderme fina e aristocratica de gentes que se não apoucam em hombrear nestes pormenores decorativos, ou como melhor se lhes chame, com as gentes das mais infimas camadas da maruja, da tropa, das alfurjas e das prisões

Mas quando entrou a tatuagem em Portugal?

Nenhum dos nossos autores que teem tratado do assunto e que tenho lido formulam esta pergunta, nem fornecem elementos para se lhe poder dar resposta. Creio bem contudo, que a sua origem, ou o seu maior espalhamento se poderão ir buscar ás navegações e conquistas, embora muito para traz nos fique a suposta documentação da estação pre-historica de Peniche e a provavel influencia da dominação romana. (1)

Aventureiros e viajantes, como fomos, não podiam os portuguezes deixar de se influenciar ao contacto com as tribus selvagens das Indias e do Brazil, sendo, porventura, dai que para cá vieram os primeiros tatuados.

O P.^e M. Manuel Baltazar Tellez, na *Chronica da Companhia de Jesus* (Lisboa MDCXXXV) e o P.^e ANDRÉ DE BARROS, igualmente jesuita, na *Vida do P.^e Antonio Vieira* (Lisboa MDCCXLVI) descrevem com muito interesse e minudencias as tatuagens e outros enfeites na epiderme dos indigenas do Brazil.

O primeiro, na descrição do Brazil referida a 1547 e em capítulo com o titulo «*Os brasis não trazẽ vestidos.—Como se enfeitam estes indios*» diz o seguinte: «Nam tem outro vestido mais que o que lhe deo a natureza, porém quando se querem enfeitar, por mais louções, tingemse com hum certo summo de humas fruitas, que chamam genipapo, e esta côr lhe dura por espaço de nove dias, fazendo muitas laçarias, e labores por todo o corpo, e cõ isto se persuadem, que sahẽ mais ricos, mais vistosos, mais galhardos e mais vestidos á culta; zombando quando assim se vestem das nossas télas de ouro, e prata, e da nossa pedraria mais fina (2)

(1)—Rocha Peixóto—*A Terra Portuguêsa* (Porto-1897).

(2)—Diz Pero de Magalhães Gandavo, autor da primeira historia do Brazil escrita em português (Lisboa, 1576) que o genipapo é «hum certo

Colono n.º 31/620



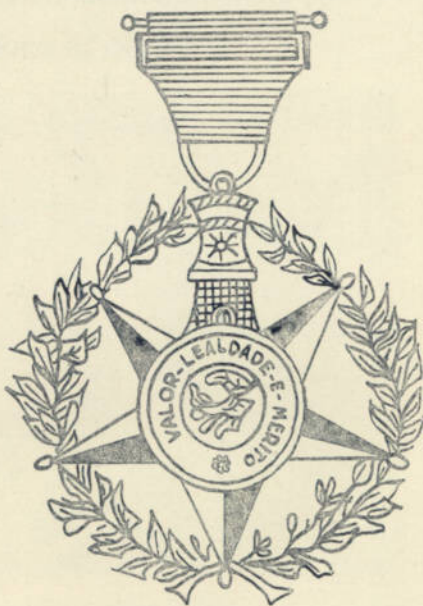
No peito

Colono n.º 28/553



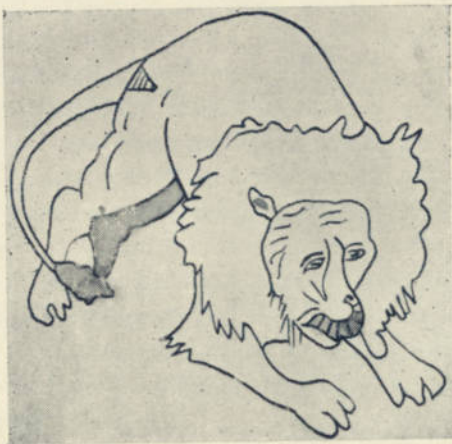
No peito
(Feito no Limoeiro)

Colono n.º 16/544



No peito (Lado direito)

Colono n.º 39/797



No estomago

(Feita no Forte da Graça, em Elvas, onde estava preso)

Colono n.º 57/887



Nas costas



Outras vezes se hantam de almecega, pegãdo nella muita diversidade, e formosura de penas, com que sahem por todo o corpo muy enfeitados de plumas, e penachos mas o de que sobre tudo se hõram, sam as pedras verdes, e brancas, que trazem como embutidas nos beiços, que furam para este efeito (que nam pode deixar de ser gala muy custosa) e aquelle vem mais bizarro, e, com uma galante ferocidade, mais aparatoso, que traz mais pedras destas, mais buzi-os, e outros pendentespelos beiços, e pelas faces, como encastoados na propria carne; que até estes barbaros se martyrisam, para se enfeitarem, tã natural é no mundo gostarem os homens de parecer bem ainda que seja derramando sangue, por se mostrarem galantes».

O segundo, falãdo do P.^o MANUEL DE SOUSA, da missão das aldeias na boca do Amazonas, sob as ordens do P.^o ANTONIO VIEIRA, e referindo-se á tribu dos juruúnas em 1655, diz: «É especial entre as mais a condição e trato deste gentio. Apellidam-se *Juruúnas*, que quer dizer *bocas negras*; porque com depravado gosto achão na fealdade formosura, deformando á custa de um martirio a propria figura do seu rosto. Estimão pois pela mayor gentileza ter uma faxa nêgra, que de largura de dous dedos lhe desce desde a testa egualmente, e lhe vem a parar na boca, onde, alargando-se mais a cinge e guarnece toda em roda. Os que se jactão de maior fidalguia, trazem este negro listão mais largo; por cuja causa só os Senhores da Nação, que os portuguezes chamam *Princepaes*, podem ter todo o rosto negro. Alcanção esta gentileza á ponta de agulha, picando a carne e applicando-lhe tinta, que misturada, e penetrada com o sangue, vem a parecer natureza, o que é pintura. Assim mostrão o claro da nobreza pelo escuro, em que convertem o sangue no semblante».

Estes pormenores das tatuagens não escaparam tambem ao celebrado P.^o ANCHIETA, provincial dos Jesuitas no Bra-

pomo que he verde quando se piza e depois que o poem no corpo enxuga, fica muy negro e por muito que se lave não se tira senam em nove dias». Em «*Os portuguezes do seculo XVI e a Historia Natural do Brazil*», por Dr. Carlos França (Lisboa -1928).

zil, que em uma das suas Cartas, de 31 de Dezembro de 1585, dizia, referindo-se aos indios do Brazil, que «não cazam de ordinario até que tomem ou matem algum homem e, si o matam, tomam por insignia sarjar-se o corpo por tal modo e artificio que ficam muito galantes e pintados e nisto têm grande primor» (1).

Egualmente o padre FERNÃO CARDIM depois de dizer que, tanto os homens, como as mulheres andavam nus, revelando grande innocencia, pela grande honestidade e modestia que entre si guardavam -- «e quando algum homem fala com mulher viralhe as costas» — informa que, porem, para sairem galantes, usavam de varias invenções, tingindo seus corpos com certo sumo de uma arvore, com que ficavam pretos, dando muitos riscos pelo corpo, braços, etc (2).

Por seu lado, JULIO DE CASTILHO, o grande investigador das antiguidades de Lisboa, ha anos falecido, refere-se tambem á industria da tatuagem, já como tal exercida no seculo XVI, nos tempos de D. MANUEL E D. JOÃO III, como por interesse a usam ainda agora alguns mestres de tal arte nos meios em que a exercem.

A Conceição Velha fôra construida primitivamente para instalação da Misericordia de Lisboa e junto d'ela se fizera, com provimento da Camara e licenças do rei D. JOÃO III, um adro ou taboleiro, sobre degraus, onde se vendiam flores, folhinhas e cousas varias, que o publico consumia.

Pois tambem ali se exercia a tatuagem, como nol-o diz «A Ribeira de Lisboa»: «Alem destas industrias varias, ou-

(1) O padre JOSÉ DE ANCHIETA foi dos mais antigos missionarios do Brasil (1553 a 1597) o que deixou maior soma de informações para o estudo dos primeiros tempos da colonisação portugueza daquela nossa antiga possessão. As suas cartas são, por isso, preciosas. Sobre o padre JOSÉ DE ANCHIETA ha a *Vita del Venerabile Padre Giuseppe Anchieta* (Napoli 1752) traduzida do latim, de Sebastian Baretario, de 1616, havendo tambem uma tradução para castelhana pelo padre ESTEVAN DE PATERMINA (Salamanca, 1618) e uma edição de 1622, de Barcelona.

(2) Do padre FERNÃO CARDIM, que esteve no Brazil por duas vezes entre 1562 e 1625, ano em que morreu em Portugal, ha a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica. . . , escripta em duas cartas ao P. Provincial de Portugal*, (Lisboa, 1847) cuja primeira parte foi escrita em 1585.

tra havia, que adoptava como campo de exploração este mesmo adro da Mizericordia; era a dos que desenhavam a sangue e polvora, na carne de certos papalvos (perdoem-me a palavra) letras, datas, crucifixos, signos-saimões, e outras figuras, verdadeiro *tatouage* silvestre, a que ainda hoje os barqueiros, soldados, presidiarios, e marinheiros são muito afeiçoados. Ali estacionavam os mestres desta arte, que eram castelhanos; mostravam aos freguezes umas taboinhas enfiadas, muito sujas onde se viam os modelos das diversas figuras. Cada um, diz COELHO DE FIGUEIREDO (2) escolhia a imagem de sua devoção e despia o antebraço em que a queria esculpida, e alguns em ambos os braços, o Santo Cristo, a Virgem, e o Santo do seu nome, ou da sua maior devoção. Logo o mestre riscava o contorno e principiava com um instrumento agudo como uma agulha encavada, a picar e julgo que lhe deitava polvora moida. Começava a sahir sangue, e tornava a entrar já com aquele pó; e depois de muito tempo d'aquella repetição, era sécia do paciente dizer e afirmar *quasi que lhe não doia* (3).

Por aqui se vê quanto é antiga em Portugal a tatuagem e ainda que ella se fazia naqueles remotos tempos como operação da rua, a que acorriam as gentes que assim se queriam decorar, vindo depois por ahi adeante, até se acantonar nestas principais familias que mais a usam: os militares, os marinheiros e os frequentadores das cadeias.

Nunca a tatuagem se praticou na Colonia Penal, nem seria permitida, mas nunca vi que os seus portadores se mostrassem em geral pezarosos de as terem, nem que mostrassem relutancia em as deixarem descrever e copiar, o que

(2) Francisco Coelho de Figueiredo — Anotação ao *Theatro de Mantel de Figueiredo* (Nota de A. Ribeiro de Lisboa).

(3) — O «Rositas», afamado tatuador que esteve na cadeia do Porto ao tempo em que o Sr. Dr. Alvaro Teixeira Bastos organisou o seu estudo *A Tatuagem nos Criminosos* (Porto-1903) usava uma serie de modelos que, com a respectiva tabela de preços, veem reproduzidos naquele livro. Porém, parece que «na generalidade dos casos, o desenho da pele executado a dentro das nossas prisões é gratuito» (*Os Reclusos de 1914*, por R. Xavier da Silva — Lisboa, 1916).

ligam sciamas (Ligam. Sciamas) e ora a cidade das tatuagens...
...em qual o seu nome de origem...
...em qual o seu nome de origem...
...em qual o seu nome de origem...
...em qual o seu nome de origem...

Nos livros das prisões de Lisboa, do século XVI, se os autos de excomu-
cação das pessoas de amanha, alguns de excomucação, e outros, em nos os livros excomu, firmam-
seus nomes em o decimo do sigm parica (sigm parica) - Livro da Visitação de 1580 e 1581. -
(Arquivo Municipal de Lisboa e do Dr. Leite de Vasconcelos em sua obra de Genealogia - Vol. 2.º Ann. do Pop. -
Port. (Out. 1882), em varias pe de suas pesquisas em Arquivo Municipal e processos está intercalado e sigm de excomu. (Nota de Lisboa)

se tem feito tambem para fins de identificação em casos de fuga, tratando-se, como se trata, de sinais insofismaveis e duradouros.

Não se escapam os tatuados da Colonia Penal á regra geral destes casos: os desenhos, não tendo originalidade nem perfeição, na maioria dos casos, cabem todos dentro das classificações e dos quadros seguidos nos estudos dos Srs. Prof. A. TEIXEIRA BASTOS, do Porto, e R. XAVIER DA SILVA, dos Institutos de Criminologia e de Medicina Legal de Lisboa, e A. A. DE SANTANA RODRIGUES, egualmente do Instituto de Medicina Legal e da Faculdade de Medicina de Lisboa (*Le Tatouage* Lisboa-1927): pinturas eroticas, religiosas, patrioticas e politicas, letras e inscrições e outras, de tudo ali aparece.

Para o que tudo isto signifique, para o que de tudo se possa deduzir, que juizos a formular e que conclusões a tirar, nada me compete dizer: para aqueles notaveis trabalhos e para tantos outros neles citados se deve dirigir quem mais e melhor queira profundar o assunto, apenas se querendo aqui focar um dos aspectos da tatuagem em Portugal, assinalando-lhe a nota final de que ella é mais frequente nos grandes centros do que nas provincias, mais nos grandes aglomerados do que nos pequenos, raros sendo os presos originariamente vindos das cadeias comarcãs que exhibam aquellas marcas e quando as possuam, que ellas não tenham sido feitas, em regra, em qualquer estagio em meios propicios á sua execução e cultura.

E, para finalizar, juntamos a este artigo alguns exemplares de numerosas tatuagens obtidas de reclusos que por esta Colonia passaram.



S. e.
18167

[Faint, mostly illegible handwritten notes in the background, possibly bleed-through from the reverse side of the page.]

Do Autor

- Regimen Pastoril dos Povos da Serra do Gerez.** (Separata do fascículo n.º 3 do tomo II da *Portugalia*—1907)
- Idem.** (Separata do fascículo n.º 4 do tomo II da *Portugalia*—1918)
- Serra do Gerez** («Estudos. Aspectos, Paisagens».)—Porto—Livraria Chardron, Editora.—1909.
- A Árvore.**—«Leituras florestais, para crianças». Livro aprovado pelo Governo para prémio das Escolas Primárias. (Livraria Chardron, Editora—1912).
- A Tradição, o valor e o culto da arvore.** «Palestra pública de propaganda florestal» (Livraria Chardron, Editora—1912).
- A Serra, as pastagens e os gados.** «Palestra pública de propagando florestal». (Publicação oficial da Direcção Geral da Agricultura—1914.)
- Da Terra Alta.** «Aspectos agrícolas, peenários e sociais da Província de Trás-os-Montes». (Notas duma excursão a Parrosos (Separata de *A voz do Lavrador*—1916).
- A Arvore na escola primaria.** «Conferencia pedagógica na Faculdade de Sciencias de Lisboa, a convite do Ministério da Instrução Publica». (Separata do Boletim Oficial do Ministério de Instrução Pública.—Ano I. n.º 3 —1916).
- Árvores Florestais.** «Sua cultura, exploração e applicações». (Lisboa—Livraria Clássica Editora, de A. M. Teixeira.—1917).
- Os Pinhais.** «Como se conservam. Como se aumentam». (Vol. XXVIII da *Livraria do Lavrador, do Comercio do Porto*—1919.)
- Colónia Penal Agricola de Sintra.** «Relatorio de Instalação da Colónia e seu funcionamento até 31 de Dezembro da 1919». (Publicação oficial—1920).
- Idem.** «Relatorio dos diversos serviços desde 1 de Janeiro de 1918 até 31 de Dezembro de 1920». (Publicação oficial—1922).
- O Trabalho dos presos na agricultura.** «Separata do volume V. Serie II do *Boletim do Instituto de Criminologia*. (Lisboa—1923).
- Mata do Gerez.** «Subsidios para uma monografia florestal». (Separata de *A Voz do Lavrador*—1926). Tiragem adquirida pela Direcção Geral dos Serviços Florestais.
- Gerez.** «Notas etnográficas, arqueológicas e historicas». (Coimbra—Imprensa da Universidade—Editora—1927).
- Colonia Penal Agricola de Sintra** «Relatorio dos diversos serviços desde 1 de Janeiro de 1921 até 30 de Junho de 1926». (Publicação Oficial, 1927).